

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CLAUDIA ROSANA DOS SANTOS

**AÇÃO EDUCATIVA ENVOLVENDO PAIS E PROFESSORES:
CONTROLE DO ESTRESSE FRENTE AOS CUIDADOS DE CRIANÇAS E
ADOLESCENTES COM AUTISMO E SÍNDROMES ASSOCIADAS**

**COLOMBO
2013**

CLAUDIA ROSANA DOS SANTOS

AÇÃO EDUCATIVA ENVOLVENDO PAIS E PROFESSORES:
CONTROLE DO ESTRESSE FRENTE AOS CUIDADOS DE CRIANÇAS E
ADOLESCENTES COM AUTISMO E SÍNDROMES ASSOCIADAS

Trabalho apresentado como requisito parcial à
conclusão do Curso de Especialização em
Saúde para Professores do Ensino
Fundamental e Médio, Núcleo de Educação a
Distância, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profª Drª Nen Nalú Alves das
Mercês

COLOMBO
2013

TERMO DE APROVAÇÃO

CLAUDIA ROSANA DOS SANTOS

AÇÃO EDUCATIVA ENVOLVENDO PAIS E PROFESSORES:

Controle do estresse frente aos cuidados de crianças e adolescentes com autismo e síndromes associada.

Trabalho aprovado como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Saúde para Professores do Ensino Fundamental e Médio, do curso de especialização em Saúde para Professores do Ensino Fundamental e Médio, Núcleo de Educação a Distância, Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

Profª Drª Nen Nalú Alves das Mercês
Orientadora - Departamento de Enfermagem da
Universidade Federal do Paraná

Profª Mestre Edivane Pedrolo
Instituto Federal do Paraná

Profª Mestre Josiane Ferla
Instituto Federal do Paraná

Curitiba, 16 de dezembro de 2013.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus por estar sempre presente em minha vida, dando forças para continuar a caminhada;

À toda a minha família pelo apoio, em especial minha mãe que tanto amo;

Aos meus amigos queridos, pela força e apoio dado para a finalização desse trabalho;

Aos professores e funcionários que participaram prontamente de todas etapas do processo;

Aos pais dos alunos sempre dedicados, buscando incansavelmente qualidade de vida;

A minha orientadora Prof^a Dr^a Nen Nalú Alves das Mercês , por sua dedicação e compreensão.

EPÍGRAFE

Diga-me e eu esquecerei
Ensina-me e eu poderei lembrar
Envolve-me
E eu aprenderei.

Benjamin Franklin

RESUMO

SANTOS, C.R. **Ação educativa envolvendo pais e professores:** controle do estresse frente aos cuidados de crianças e adolescentes com Autismo e Síndromes associadas. 2013. Monografia [Especialização em saúde para professores do ensino fundamental e médio] – Universidade Federal do Paraná, Curitiba. Orientadora: Profª Drª Nen Nalú Alves das Mercês.

O presente trabalho de intervenção, com o objetivo de promover um ambiente relacional saudável envolvendo pais e professores, no controle do estresse frente aos cuidados a criança com autismo. O Autismo é um distúrbio do desenvolvimento humano que vem sendo estudado pela ciência, mas sobre o qual ainda permanecem, dentro do próprio âmbito da ciência, divergências e grandes questões por responder. O estresse pode ser considerado um dos mais graves problemas de saúde da sociedade moderna, o presente estudo atentou prioritariamente aos pais, professores e funcionários que convivem diariamente com pessoas portadoras de necessidades especiais que estão mais vulneráveis a esse problema. Foi realizado em uma escola de Educação Especial da cidade de Curitiba/PR, durante o segundo semestre de 2013, com dezesseis participantes, dos quais seis professores, sete pais, três funcionários. Os resultados apresentaram que pais e professores precisam de apoio e informações para amenizar suas angústias, medos e frustrações diante da rotina diária. Este estudo teve como finalidade observar o comportamento e relatos dos mesmos buscando verificar as necessidades, para ajudar pais, professores e a própria criança a desenvolver uma identidade pessoal positiva onde será fundamental e decisiva para diminuir o estresse e melhorar a qualidade de vida escolar, familiar e social. Foram realizados cinco encontros onde houve rodas de discussão, palestra com psicólogo e a elaboração de um panfleto informativo, oferecendo subsídios aos pais e professores.

Palavras-chave: Transtorno autístico. Estresse psicológico. Criança.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	OBJETIVOS.....	10
3	REVISÃO DE LITERATURA.....	11
	3.1 Autismo breve histórico.....	11
	3.2 Autismo e estresse na família.....	13
	3.3 A escola no contexto de intervenções educacionais.....	14
4	METODOLOGIA.....	17
	4.1 Caracterização do local da intervenção.....	17
	4.2 Participantes	17
	4.3 Operacionalização da intervenção	17
5	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	19
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
7	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	26
	ANEXOS.....	28

1 INTRODUÇÃO

O tema “Autismo” tem sido polêmico desde que foi descrito pela primeira vez por Léo Kanner em 1943. Frequentes reconceitualizações tem resultado em vastos modelos de Autismo, estendendo-se desde teorias psicogênicas, postulando um transtorno emocional explicado por psicopatologia familiar. No que se refere às questões educacionais evidenciam-se, nas ultimas duas décadas, preocupações quanto à função do professor na promoção do desenvolvimento de habilidades nas crianças com Autismo. (Helps & Cols., 1999)

O Autismo Infantil é uma condição neuropsiquiátrica da infância sobre a qual se tem escrito e, também tem despertado curiosidade, promovido debates e concorrido para o trabalho conjunto de profissionais de diversas áreas que lidam com a saúde mental e comportamento infantil.

Outro aspecto que deveremos ter em mente ao discutir os tratamentos disponíveis é o fato de que não temos, pelo menos até os dias atuais, como “curar” os indivíduos portadores do quadro do AI. Cura, segundo os critérios médicos tradicionais, seria conseguir que os pacientes com AI passassem a se comportar, em todos os sentidos, como os indivíduos considerados normais, e sabemos que isto não ocorre. O que conseguimos, com frequência, é reduzir os comportamentos anormais e minimizar os prejuízos presentes. (SCHWARTZMAN, 2003; p. 103)

A necessidade de realizar este trabalho surgiu diante das dificuldades que pais e professores têm em compreender o autismo, ressaltando a válida recomendação de Leo Kanner sobre a necessidade de humildade e cautela diante do tema, uma vez que, atualmente, a síndrome do autismo não está definida com precisão e vários aspectos permanecem ainda obscuros, dentre as quais se destaca a questão da definição, diagnóstico, avaliação e intervenções.

Para Bosa (2002, p. 11) “em meio à diversidade de opiniões e teorias a respeito do assunto, surgem controvérsias e mesmo verdadeiras polêmicas, principalmente sobre diagnósticos e formas de intervenção.”

Seguindo três princípios básicos resumidos sob a forma de três direitos fundamentais: o direito à educação; o direito à igualdade de oportunidades; e o direito de participar na sociedade, implicam que a cada criança seja proporcionado um atendimento individualizado que responda às suas características e

necessidades educativas específicas. Para que as crianças diferentes possam desenvolver ao máximo as suas possibilidades é necessário que o seu atendimento educativo seja adequado às suas necessidades específicas. A igualdade de oportunidades será uma realidade se, entre outros pontos, garantir que a intervenção seja tão precoce quanto possível, envolver a participação das famílias e entender a criança numa perspectiva ecológica, tendo em conta a sua individualidade própria e as características dos vários ecossistemas em que está inserida.

Nos últimos anos, tem-se assistido a um crescente reconhecimento do imprescindível papel dos pais no diagnóstico dos seus filhos e tem sido prestada uma atenção cada vez maior à importância educativa das atividades que têm lugar em contexto familiar e à sua coordenação com as atividades desenvolvidas na escola. Quando se trata de alunos com transtornos, esta importância é reforçada, dado o lugar privilegiado que ocupam, em educação especial, as atividades relacionadas com a independência pessoal e a vida familiar e social. Desta forma, a comunicação entre professores e pais terá de ser estabelecida de acordo com cada situação individual, devendo orientar-se pelo conhecimento do conjunto das características próprias de cada família.

Nesta conformidade, duas razões fundamentais levaram à escolha deste estudo. A primeira é conhecer de forma mais objetiva e estruturada as necessidades específicas das famílias de crianças com Autismo; a segunda é conhecer a forma como os professores interagem com as famílias no sentido de ir ao encontro das suas necessidades, de lhes criar oportunidades e meios para poderem desenvolver as suas competências como pais e, assim, facilitarem e favorecerem o crescimento e desenvolvimento dos seus filhos.

Tendo em vista a importância do manejo e abordagem adequados na prevenção dos estressores no cuidado a criança autista, para a promoção de um ambiente relacional saudável surgiu a seguinte questão de intervenção: ***a ação educativa envolvendo pais e professores pode auxiliar no controle do estresse frente aos cuidados a criança com autismo?***

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

- Promover um ambiente relacional saudável envolvendo pais e professores, no controle do estresse frente aos cuidados a criança com autismo.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar sentimentos e dificuldades enfrentadas no trabalho com portadores de Autismo, criando estratégias para lidar com as mesmas;
- Observar o conhecimento dos pais e professores sobre o Autismo e síndromes associadas desenvolvendo práticas educacionais e sociais;
- Ajudar pais, professores e a própria criança com autismo a desenvolver uma identidade pessoal positiva para diminuir o estresse e melhorar a qualidade de vida escolar, familiar e social.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 AUTISMO BREVE HISTÓRICO

Para Schwartzman (2003, p. 05), “o quadro que leva a denominação de Autismo Infantil foi identificado e descrito em 1943, por Leo Kanner (1894-1981), psiquiatra infantil de origem austríaca e radicado nos EUA”. Na mesma época em Viena, Áustria, Hans Asperger descreveu uma forma mais branda dessa condição que ficou conhecida como síndrome de Asperger. Ambos, independentemente a denominaram autismo.

Kanner (1943) constatou nas crianças que atendia uma inabilidade no relacionamento interpessoal que as distinguia de outras patologias como a esquizofrenia. O distúrbio mais surpreendente é a incapacidade dessas crianças de estabelecer relações de maneira normal com as pessoas e situações desde o princípio de suas vidas. (KANNER, 1943, p. 217)

Os sintomas eram considerados secundários, atribuíveis, portanto, as condutas parentais impróprios. Essa teoria deu início a pesquisas reagrupadas em quatro eixos, sendo esses o stress precoce, as patologias psiquiátricas parentais, quociente de inteligência e classe social dos pais, e por ultimo a interação pais e filhos. Com base nas informações, Leboyer, chega à determinada observação:

[...] as teorias psicogenêcas não parecem explicar a patologia do autismo. Não podemos aceitar o modelo segundo o qual pais normais (com frequência calorosos e afetuosos) seriam responsáveis por graves distúrbios de seus filhos, enquanto seus irmãos são normais. (LEBOYER, 2005, p.49)

Porém, nem todos os indivíduos apresentam sintomas iguais, estes variam de leve a grave e em intensidade de sintoma para sintoma.

Segundo Bosa (2002, p.21), “escrever sobre autismo tem sido, historicamente, um desafio para todos os profissionais envolvidos com essa questão”. Por isso nos deparamos com uma ampla discussão para a compreensão do autismo, pois o mesmo configura-se em diferentes formas e níveis.

Especificamente sobre a questão do autismo, em seu estudo, Jordan (2005) também aponta a necessidade de orientação aos professores, pois é a falta de conhecimento a respeito dos transtornos do autismo, que os impede de identificar corretamente as necessidades de seus alunos com autismo. Na medida em que o sujeito é visto somente sob o ângulo de suas limitações, a crença na sua educabilidade e possibilidades de desenvolvimento estará associada à impossibilidade de permanência deste sujeito em espaços como o ensino comum.

As diversas ideias apresentadas nos levam a entender que se trata, acima de tudo, de um distúrbio do comportamento, apresentando perturbações do desenvolvimento que os isola e impede de interagir com o mundo que os rodeia. Importante ressaltar que apesar de o autista apresentar aparência normal ao nascimento, à criança autista reage de maneira inconstante: às vezes chorosa e apática, outras vezes inquieta e desperta. Consta a ausência do sorriso e dos movimentos antecipatórios. As maiores dificuldades das pessoas com autismo encontram-se na área de comunicação, interação social e comportamento.

Pesquisas recentes sugerem que o autismo pode estar relacionado, com alterações neuroanatômicas, considerado este extremamente masculino. Tal fato ocorreria devido às altas taxas de testosterona a que os autistas seriam expostos no período pré-natal, sendo assim o motivo de responderem ao processo de socialização de maneira indutiva e sistemática, desde modo, os autores defenderam a ideia de que “sujeitos autistas apresentam um funcionamento cerebral essencialmente sistematizante”. (TAMANAHA; PERISSINOTO e CHIARI, 2008, p. 3)

Mello (2001) esclarece que existem vários princípios de diagnósticos utilizados para classificação do autismo. Os mais utilizados são o do Manual de Diagnóstico e de Estatística de Doenças Mentais da Academia Americana de Psiquiatria, DSM – IV, e a Classificação Internacional de Doenças da Organização Mundial de Saúde, o CID – 10, publicado pela Organização Mundial de Saúde (OMS).

O diagnóstico deve ser feito por profissional especializado, o qual podem ser um médico neuropediatra ou um psiquiatra especializado no assunto autismo. Na décima revisão da Classificação Internacional de Doenças – CID 10 o autismo é considerado um transtorno do desenvolvimento, assim se apresenta e caracterizam-se como:

[...] os Transtornos Globais do Desenvolvimento foram classificados como um grupo de alterações, caracterizadas por alterações qualitativas da interação social e modalidades de comunicação, e por um repertório de interesses e atividades restrito e estereotipado. Essas anomalias qualitativas constituem uma característica global do funcionamento do indivíduo. (TAMANAH, PERISSINOTO E CHIARI, 2008, p.4).

Nota-se que ao tentar estudar e explicar essa condição ou conjunto de condições, dependendo do entendimento que se dê ao termo autismo, há alguns pontos em comum entre os diferentes autores, a verificação de características agrupava entre os indivíduos a tentativa de correlacioná-las com aspectos do desenvolvimento, fases da vida e conhecimentos disponíveis de neurologia, psiquiatria, psicologia, genética e neurociências disponíveis e pertinentes, conforme a época e o autor constituem-se na forma mais comum de abordagem ao estudo do autismo, bem como de outras condições e agravos dentro do vasto campo das Ciências da Saúde.

3.2 AUTISMO E ESTRESSE NA FAMÍLIA

A definição de estresse, de acordo com Lazarus e Folkman (1984), enfatiza a relação entre a pessoa e o ambiente, levando-se em conta, por um lado, as características da pessoa e, por outro, a natureza do evento ambiental. Consequentemente, o estresse psicológico constitui-se em um processo no qual o indivíduo percebe e reage a situações consideradas por ele como desafiadoras, que excedem seus limites e ameaçam o seu bem-estar. As características próprias do comportamento de pessoas com autismo, somadas à severidade do transtorno, podem constituir estressores em potencial para familiares. A compreensão da relação entre autismo e estresse familiar não pode ocorrer com base em relações lineares entre possíveis causas e seus efeitos, de forma reducionista.

Para Lipp (2000), o estresse é uma reação do organismo a situações extremamente difíceis e excitantes. Estas alterações envolvem reações fisiológicas no organismo diante de demandas que exigem maior energia adaptativa para restabelecer o equilíbrio interno e a interpretação do indivíduo sobre os eventos experienciados. As características próprias do comportamento de pessoas com autismo, somadas à severidade do transtorno, podem constituir estressores em potencial para familiares. A compreensão da relação entre autismo e estresse

familiar não pode ocorrer com base em relações lineares entre possíveis causas e seus efeitos, de forma reducionista.

O estudo de Schmidt (2004) mostra que os altos níveis de estresse encontrados nas mães de pessoas com autismo parecem estar relacionados a fatores como o excesso de demanda de cuidados diretos do filho, isolamento social e escassez de apoio social. Além disso, o alto nível de dependência de apoio da família e a carência de outras provisões de apoio geram intensos sentimentos de insegurança, ansiedade e temores em relação à condição futura da pessoa com autismo, afetando a família como um todo.

3.3 A ESCOLA NO CONTEXTO DE INTERVENÇÕES EDUCACIONAIS

Identificar o que devemos ensinar a uma criança autista passa a ser fundamental, pois as mesmas não se ajustam as formas habituais de avaliação. Sendo assim pontuaremos os principais tipos de intervenção educacional como: ABA (Análise aplicada do comportamento); PECS (Sistema de comunicação através da troca de figuras); TEACCH (Tratamento e educação para crianças autistas e com distúrbios correlatos da comunicação) .

De acordo com Mello (2001) a análise aplicada do comportamento, é um tratamento comportamental indutivo, tem por objetivo ensinar a criança habilidades, por etapas, que ela não possui. Cada habilidade é ensinada, em geral, em plano individual, de maneira associada a uma indicação ou instrução, levando a criança autista a trabalhar de forma positiva. A esse método junta-se o uso funcional de figuras de comunicação, conhecido como PECS.

O método PECS, sistema de comunicação através da troca de figuras, foi desenvolvido com o intuito de ajudar crianças e adultos autistas e com outros distúrbios de desenvolvimento a adquirir capacidade de comunicação. Método considerado simples e de baixo custo, e quando bem implantado apresenta resultados inquestionáveis na comunicação através de cartões em crianças que não falam, e na organização da linguagem verbal para as crianças que falam, mas que precisam organizar a linguagem.

Outro método utilizado é TEACCH, tratamento e educação para crianças autistas e com distúrbios da comunicação, segundo Cornelsen (2007), é uma intervenção bastante utilizado em todo o mundo, utiliza uma avaliação chamada

perfil psicoeducacional revisado (PEP-R) para avaliar a criança, caracterizado como um programa de aprendizado individualizado.

Nilsson (2004, p.52-53) diferencia o aprendizado de uma criança autista e a não autista em uma visão cognitiva. O autista apresenta um pensamento literal concreto, visual, fragmentado. Ocorre um tipo de estímulo sensorial por vez, enquanto que em uma criança não autista ocorre a coordenação de todas as modalidades sensoriais. “Pessoas com autismo pensam de sua própria maneira associativa, e isto torna difícil de manter uma conversação, mesmo quando eles têm a habilidade de usar a linguagem”.

Assim os métodos educacionais citados acima, (Análise Aplicada do Comportamento (ABA); Sistema de Comunicação através de figuras (PECS) e Programa de Aprendizado Individualizado (TEACCH), de cunho visual é de fundamental importância para a aprendizagem do autista, já que para o mesmo o pensamento é fragmentado, e pautado na previsibilidade.

Usar o lado visual como dispositivo de substituição é oferecer à pessoa com autismo informação facilmente compreensível sobre o que ele fará em que ordem se dará o que vem depois de uma atividade ser terminada e onde as várias atividades deverão ocorrer. Levando sempre em consideração as diferenças entre os educandos e suas particularidades podendo estar sendo feitas adaptações de acordo com a realidade diagnóstica de cada criança e suas especificações. Neste sentido Nilsson defende que:

[...] ao usar a ideia de um programa diário visual individual, é fazê-la conter somente atividades enfadonhas que os alunos já conhecem, sempre apresentadas na mesma ordem. Assim a ideia perde sua função para a pessoa envolvida. Temos de pensar no que poderia interessar para ele, de forma que os conteúdos do dia sejam um acordo entre as coisas que julgamos que ele precisa fazer e coisas que ele prefere fazer. (NILSSON, 2004, p. 57)

Desta forma Amy (2001) afirma a importância de uma educação voltada para a percepção, na imitação e na motricidade, que são ferramentas indispensáveis à comunicação. Um método não é o bastante, mas sim a mistura entre eles, poder adaptar ao que é necessário no tempo certo e saber que assim poderemos estar contribuindo com o desenvolvimento da criança autista, objetivo maior para a socialização. No entanto há de ser prudente quanto aos resultados, que não são o nosso tempo como aponta a autora citada (2001, p.19), “esperança e decepção são

partes permanentes de um trabalho cujos os resultados se medem ao microscópio, em que a noção de tempo se congela em um universo estático e fechado, e em que, dia após dia, o mesmo cerimonial se repete com seus rituais e suas estereotípias”.

Portanto, as várias fontes de pesquisa sobre o autismo e suas peculiaridades, passam a ser inesgotável bem como inspiração para novas investigações que apontem melhores recursos e aplicações, para que se possa chegar ao objetivo maior de socialização.

Independente da visão que se tenha a respeito do autismo, pois não há como separar o desenvolvimento cognitivo, do afetivo e sua essência biológica, torna-se fundamental que se apresentem de maneira nítida, as formas de abordagens educativas à crianças autistas , considerando entretanto a tríade, que são os três grades grupos de perturbações e os métodos de intervenção de aprendizagem - (Análise Aplicada do Comportamento (ABA); Sistema de Comunicação através de figuras (PECS) e Programa de Aprendizado Individualizado (TEACCH).

O trabalho interdisciplinar, de forma integrada, se faz sempre necessário. Os profissionais devem usar procedimentos e técnicas em comum, discutindo com os pais sobre as necessidades da criança e sobre o que ela consegue entender e executar. O tratamento medicamentoso passa a ser importante, principalmente quando a pessoa com Autismo apresenta problemas de comportamento de difícil controle.

4 METODOLOGIA

4.1 CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL DE INTERVENÇÃO

O trabalho foi desenvolvido na Escola de Educação Especial Fenix, localizada na Rua Fagundes Varella, 607 – Jardim Social na cidade de Curitiba - PR. A Escola em 1995 tornou-se instituição filantrópica com registro de utilidade Pública Municipal, Estadual e Federal, sendo reconhecida, através do Certificado de Entidade Beneficente de Assistência Social. Atende alunos com idade entre 10 e 60 anos de idade, portadoras de Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD), nos turnos matutino e vespertino, totalizando 50 alunos, conta também, com uma Diretora, uma Pedagoga, doze professores, duas psicólogas e convenio com o Serviço Único de Saúde (SUS) composta por fisioterapeuta, terapeuta ocupacional, assistente social, fonoaudióloga e médico.

4.2 PARTICIPANTES

Foram 16 participantes do projeto. O critério para inclusão dos participantes foi ser professor, funcionário ou pais de alunos, ter a possibilidade de responder ao questionário e participar dos encontros no período da manhã.

Participaram seis professores, sete pais, dois funcionários e a Diretora do Colégio. Como motivação fiz uma fala informal aos professores e funcionários informando-os da importância da troca de experiências e embasamentos teóricos, informei-os quanto ao tema, os objetivos da proposta e todas as etapas a serem realizadas. Para os pais foi enviado um comunicado através da agenda dos alunos contendo as mesmas informações.

4.3 – OPERACIONALIZAÇÃO DA INTERVENÇÃO

A intervenção foi realizada entre agosto e novembro de 2013, por meio de questionário aplicado antes e depois das reuniões com os pais, professores e funcionários. A ação se deu através de cinco reuniões: duas com os pais nas datas 17 de agosto e 26 de Outubro e duas com os professores e funcionários nas datas 31 de agosto e 14 de setembro, para discutir sobre o assunto Transtorno do

Espectro do Autismo, causas, consequências e intervenções e o ultimo encontro com todos os participantes para a palestra com a psicóloga Claudia Guimarães Klotz.

Para melhor compreensão da temática, primeiramente foi abordado os tópicos referentes à história do Autismo, envolvendo questões tais como: a definição e a evolução do conceito e diagnostico. Em seguida, foi apresentada uma breve revisão das diferentes abordagens explicativas deste transtorno, e levantamento de questões feitas pelos pais, professores e funcionários.

Também foram promovidas discussões sobre relatos de experiências que vem dando resultados ao trabalhar com a criança para o desenvolvimento da linguagem, interação social e fatores que contribuem para amenizar o estresse causado pela intensa sobrecarga perante o cuidado de crianças com Autismo.

No último encontro dia 12 de novembro foi realizado uma palestra com a Psicóloga da escola Claudia Guimarães Klotz que abordou os seguintes temas: Transtornos do Espectro do Autismo, Direitos e responsabilidades dos pais e dos professores, Como diminuir o Estresse perante várias situações realizando atividades positivas e a aplicação do PECS, e entregue um Panfleto desenvolvido especificamente a esse público, contendo informações sobre Autismo, algumas sugestões pedagógicas, afetivas e sociais e questões levantadas durante o processo, que auxiliarão pais e professores no controle do estresse frente aos cuidados de crianças e adolescentes com Autismo e síndromes associadas.

5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Na primeira reunião do projeto foi organizado uma roda de conversa na própria escola, que aconteceu no dia 17 de agosto com os pais dos alunos, no horário das 9:30hrs as 11:30hrs, iniciamos com uma conversa informal, e explicação do projeto a ser desenvolvido, logo após foi aplicado um questionário para diagnosticar o prévio conhecimento dos participantes, estes responderam o questionário individualmente no mesmo dia.

Devido ao pouco tempo destinado para os trabalhos foi sugerido que os participantes assistissem em casa os filmes - Meu Filho, Meu mundo (KAUFMAN, 1979) que conta a história de Raun que quando nasceu, era um saudável e feliz bebê. Com o passar dos meses, seus pais começam a observar que havia alguma coisa estranha com ele, sempre com um ar ausente. Um dia vem a confirmação do que suspeitavam... Raun era autista. Decidem então penetrar no mundo da criança e fazer o impossível para tentar compreender o filho e alcançá-lo de alguma forma, enquanto enfrentam as dificuldades tanto sociais quanto de se sentirem responsáveis pelo seu distúrbio. E também - Uma Mente Brilhante (HOWARD, 2001) que é baseado no livro *A Beautiful Mind: A Biography of John Forbes Nash Jr.*, de Sylvia Nasar. O filme conta a história real de John Nash que, aos 21 anos, formulou um teorema que provou sua genialidade. Brilhante, Nash chegou a ganhar o Prêmio Nobel. Diagnosticado como esquizofrênico pelos médicos, Nash enfrentou batalhas em sua vida pessoal, lutando até onde pôde. Como contraponto ao seu desequilíbrio está Alicia (Jennifer Connelly), uma de suas ex-alunas com quem se casou e teve um filho. Para serem discutidos no próximo encontro, considerando as dificuldades que os pais enfrentam ao descobrir o diagnóstico de autismo, o que vem a ser e como lidar com as várias situações de aflições, conquistas e realizações que vão acontecendo ao longo da vida.

Para entendermos melhor o conceito, segundo Mello (2004) em 1911, Eugene Bleuler, usou a palavra Autismo, para descrever um sintoma de esquizofrenia, que definiu como sendo uma “fuga da realidade”. Também, atribuiu ao termo autismo, o conceito de afastamento da realidade com predominância de vida interior.

Na segunda reunião foi realizado um encontro com os professores e funcionários da escola, que aconteceu no dia 31 de agosto, a escola organizou atividades extra-classe, para que estes pudessem participar do projeto, aconteceu no horário das 9:30hrs as 11:30hrs, iniciamos com uma conversa informal logo após também foi aplicado um questionário diferenciado do questionário dos pais para diagnosticar o prévio conhecimento dos participantes sobre a temática a ser estudada, estes responderam o questionário individualmente no mesmo dia.

FIGURA 1 - REUNIÃO DE PROFESSORES



FONTE: A autora (2013).

Também foi solicitado aos participantes que assistissem aos filmes- Meu Filho, Meu mundo (KAUFMAN, 1979) e Uma Mente Brilhante (HOWARD, 2001), para serem discutidos no próximo encontro, porém os filmes ficariam disponíveis na escola e os professores e funcionários poderiam organizar um horário para que pudessem assistir.

A terceira reunião aconteceu no dia 14 de setembro com os professores, aconteceu no horário das 9:30hrs as 11:30hrs, iniciamos com a apresentação de um vídeo: Autismo infantil (2009) – <http://www.youtube.com/watch?v=Cq9hshNbhzQ>

Foram promovidas discussões sobre o vídeo e alguns professores relataram experiências que deram resultados ao trabalhar com a criança para o desenvolvimento da linguagem, interação social.

Concluímos que os professores precisam ter uma certa dinâmica (modificação do ambiente e o suporte de material pedagógico adequado) para permitir a realização diária de tarefas que a criança é capaz de executar, diminuindo o grau de frustração e promovendo relações significativas com as atividades e com os contextos, melhorando nelas a capacidade autônoma de desempenho em contextos variados, nomeadamente na turma a que cada uma pertence, em casa com a sua família, ou noutros espaços generalizando as competências aprendidas de forma a otimizar as aprendizagens.

Efetivamente, a criação de ambientes estruturados e programas diários que implementem estratégias aplicadas de forma detalhada, sequenciada e persistente tornam possível que elas aprendam e apresentem uma melhoria significativa. Outro item importante discutido e de extrema importância foram às rotinas das tarefas do dia a dia e dos materiais e permitem processar informação de forma mais eficaz facilitando a aprendizagem, pois podem ser usadas numa variedade de situações e eventualmente alteradas.

A quarta reunião dia 26 de outubro foi realizada com os pais, aconteceu no horário das 9:30hrs as 11:30hrs, iniciamos com a apresentação do vídeo sobre Autismo infantil (2009) - <http://www.youtube.com/watch?v=Cq9hshNbhzQ>

FIGURA 2 - REUNIÃO DE PAIS



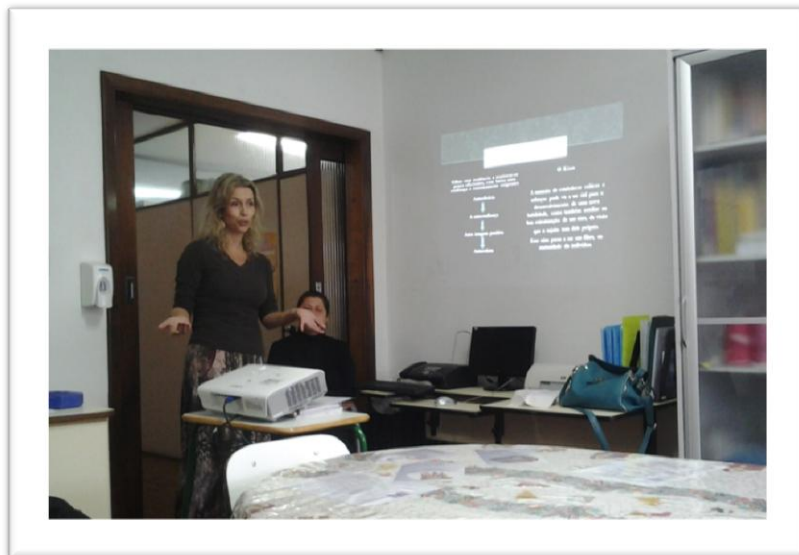
FONTE: A autora (2013).

Após assistir o vídeo iniciamos as discussões e concluímos que a família da criança autista necessita de aconselhamento desde o início do distúrbio e na sua evolução, sendo incentivada a cuidar da sua criança. E que é necessário buscar apoios psicológicos, sociais e econômicos.

Schmidt, Dell’Aglia e Bosa (2005) mostram que as mães de pessoas com autismo identificam as atividades de vida diária, como as dificuldades para lidar com o filho (ex.: vestir-se, fazer a higiene e sair sozinho), seguidas de dificuldades de comunicação (ex.: como fazer amigos).

Para finalizar o projeto foi ministrada uma palestra com a psicóloga da escola Cláudia Guimarães Klotz, no salão principal da escola no horário das 8:00h as 12:00h do dia 12 de novembro, todos os participantes compareceram e colaboraram trazendo algum material que considera importante como: livro, sites, blogs, revistas, indicação de filme, etc. Ao final da palestra foi aberto um espaço para perguntas e respostas e também para troca de experiências e materiais.

FIGURA 3 - REUNIÃO COM A PSICÓLOGA CLAUDIA KLOTZ



FONTE: A autora (2013).

Ao iniciar a palestra a psicóloga retomou o conceito de Autismo, pontuou os Direitos da criança e do adolescente com algum tipo de deficiência, os Direitos e responsabilidades dos pais e professores, apresentou estratégias de como diminuir o estresse perante várias situações realizando atividades positivas.

E apresentou o PECS - Sistema de comunicação através da troca de figuras - sua implementação consiste, basicamente, na aplicação de uma sequência de seis passos. O PECS foi desenvolvido para ajudar crianças e adultos com autismo e com outros distúrbios de desenvolvimento a adquirir habilidades de comunicação. O sistema é utilizado primeiramente com indivíduos que não se comunicam ou que possuem comunicação mas a utilizam com baixa eficiência, para a psicóloga Nunes (2004) o autista insere-se em um grupo de linguagem alternativa, pois poucos desenvolvem a linguagem verbal adequadamente, como notamos em nossos estudos. O objetivo da linguagem alternativa é proporcionar, para o autista, meios não só de expressão como também de compreensão da linguagem oral.

Segundo a palestrante o PECS visa ajudar a criança a perceber que através da comunicação ela pode conseguir muito mais rapidamente as coisas que deseja, estimulando-a assim a comunicar-se, e muito provavelmente a diminuir drasticamente problemas de conduta, como mostra Gauderer, (1997): “ na criança autista, como não há um mecanismo de intenção de comunicação, que é essencial para a aprendizagem da linguagem, é óbvio que ela não se desenvolverá”.

Tem sido bem aceito em vários lugares do mundo, pois não demanda materiais complexos ou caros, é relativamente fácil de aprender, pode ser aplicado em qualquer lugar e quando bem aplicado apresenta resultados inquestionáveis na comunicação através de cartões em crianças que não falam, e na organização da linguagem verbal em crianças que falam, mas que precisam organizar esta linguagem.

Ao final da palestra aconteceu um debate onde se pode concluir que a maioria das crianças autistas necessita de assistência e supervisão da parte dos adultos durante toda a sua vida. Os pais são indispensáveis como cuidadores e deve permanecer com a criança o maior tempo possível, estabelecendo com ela laços de confiança que são indispensáveis para o sucesso das etapas de desenvolvimento, que se encontram alteradas. Estes pais manifestam-se, por vezes, culpados e envergonhados pela doença da sua criança. Apontaram também que os técnicos de saúde sejam auxiliar de ação médica, enfermeiro, médico, psicólogo ou o professor devem ter noção e adequada sensibilidade para apoiar estes pais, quando os mesmos necessitam muito de cuidados especializados para a criança autista nas instituições que os acolhem, sejam hospitais, colégios, centros de saúde ou de reabilitação.

Durante a discussão as mães voltavam sempre no item de sobrecarga ao cuidar de um filho autista, a psicóloga afirmou que os altos níveis de estresse encontrados nos pais de pessoas com autismo estão relacionados a fatores como o excesso de demanda de cuidados diretos do filho, isolamento social e escassez de apoio social.

Além disso, o alto nível de dependência de apoio da família e a carência de outras provisões de apoio geram intensos sentimentos de insegurança, ansiedade e temores em relação à condição futura da pessoa com autismo, afetando a família como um todo, Lipp, (2001): diz que “é necessário quando se analisa o estresse e suas consequências, observar o fato do estresse excessivo refletir-se também no âmbito social, uma vez que a comunidade estressada é mais frágil e não resiste às dificuldades do dia-a-dia”.

De uma forma geral, o nascimento de uma criança com autismo gera um estresse considerável nos pais, vários estudos identificam as famílias das crianças com deficiência como particularmente vulneráveis à experiência do estresse. Tais fatores podem ser inerentes à própria criança com deficiência, aos pais, irmãos, família alargada e mesmo às instituições onde a criança é atendida. A consideração destes fatores é determinante na avaliação das necessidades específicas das famílias, condicionando, em parte, o tipo de programas e de sistemas de apoio a desenvolver em cada caso.

Então se conclui que o presente estudo abre um caminho para amenizar estes sentimentos através de reuniões e trocas de informações. Todos os participantes ficaram satisfeitos e relataram que foi muito importante e significativo os encontros.

Para o ano de 2014, vamos continuar realizando o projeto, porém estamos organizando a inclusão da equipe da Saúde, onde acreditamos que poderão contribuir com mais informações, palestras e relatos de suas experiências.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo revelou que pais e professores de crianças com autismo se mostram frágeis e se sentem incapazes frente a falta de informações para trabalhar com estas crianças. Independente de sua classificação psicogenética ou biológica é notório que a criança autista apresenta déficits na área social, na linguagem e comunicação e no comportamento e pensamento. Todas estas características geram uma sobrecarga e um nível de estresse muito grande que precisam ser trabalhado, visando à melhora de qualidade de vida.

Considerando o autismo como sendo uma síndrome intrigante, porque nos desafia quanto ao conhecimento sobre a natureza humana. Pesquisar o autismo é recusar uma só forma de ver o mundo, aquela que nos foi mostrada desde a infância. É pensar de varias maneiras a compreensão da vida e seus limites, se assim houver, não perdendo a ética e o compromisso, mas quebrando paradigmas pré-estabelecidos, passando a ver o outro com tamanha capacidade empática. Neste contexto, o presente projeto de intervenção alcançou seu objetivo, pois ofereceu subsídios aos pais e professores que convivem diariamente com crianças autistas, pois ofereceu um espaço onde todos puderam dar suas contribuições através de relatos onde teve troca de experiências, bem como informações sobre conceito, diagnóstico do Autismo e métodos para diminuir o nível de estresse.

Contudo, após os encontros houve claras evidências de que uma interação positiva pais - profissionais constitui uma importante fonte de suporte para os pais e um melhor aproveitamento escolar, com frequência relatos de profissionais que ouvem atentamente estes que dão informação útil e adequada e que ajudam os pais a encontrar serviços adequados ao seu filho.

Portanto, conclui-se que os encontros realizados durante o estudo foram de grande valia, alcançando o objetivo proposto de promover um ambiente relacional saudável envolvendo pais e professores, no controle do estresse frente aos cuidados a criança com autismo, porém ressalta-se ainda a importância de continuar realizando as reuniões no ano de 2014, incluindo também os profissionais da saúde, pois por falta de tempo hábil não conseguimos finalizar a proposta de elaborar um material mais amplo para orientar pais e professores.

7 REFERENCIAS

AMY, Marie Dominique. **Enfrentando o autismo: a criança autista seus pais e a relação terapêutica**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.

ASSUMPÇÃO, F. B.; PIMENTEL, A.C.M. **Autismo infantil**. Brás. Psiquiar, 2000. Disponível em:<www.scielo.br/pdf/rbp/v22s2/3795.pdf>. Acesso em: 11/10/2013.

AVELAR, Maria Stela de Figueiredo. **Autismo e família: Uma pequena grande história de amor**. São Paulo, Edusc, 2001.

BAPTISTA, Claudio Roberto; Bosa Cleonice e colaboradores. **Autismo e educação: reflexões e propostas de intervenção**. Porto Alegre, Artmed, 2002.

BOSA, Cleonice. Atenção compartilhada e identificação precoce do autismo. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.15, p. 77-88. Porto Alegre, 2002.

CALDEIRA, P. **Abordagens à problemática do Autismo** - Caracterização e Intervenção - Jornadas de Formação Caldas da Rainha, 2005.

CORNELSEN, Sandra. **Uma criança autista e sua trajetória na inclusão escolar por meio da psicomotricidade relacional**. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

CURY. Augusta Maria. **A maior educadora do mundo**. São Paulo, EDUSP, 2003.

FACION, J. R. **Transtornos invasivos do desenvolvimento e transtornos de comportamento disruptivo**. Curitiba: IBPEX, 2005.

FÁVERO, M. A.; SANTOS, M. A. Autismo infantil e estresse familiar: uma revisão sistemática da literatura. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 18, n.3, 2005.

FERRARI, A. C. **Espelhos Partidos**. SCIENTIFIC AMERICAN – Neurônios - Espelho e Autismo. vol.55, 2006.

GADIA, C.; TUCHMAN, R.; ROTTA, N. **Autismo e doenças invasivas do desenvolvimento**. Jornal de Pediatria, v.80, n.2, p. 583-594, 2004.

GAUDERER, C. **Autismo e outros atrasos no desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Revinter, 1997.

HELPS, S.; Newson-Davis, I.C & Callias, M. Autism. The teacher's view. *Autism* 3, p.287-298, 1999.

JORDAN, R. **Educação de Crianças e Jovens com Autismo**. Instituto de Inovação Educacional. Lisboa, 2000.

JORDAN, R. Managing Autism and Asperger's syndrome in current educational provision. *Pediatric Rehabilitation*, v. 8, p. 104-112, 2005.

KANNER, L. **Autistic disturbances of affective contact**. Nervous child 2, p. 217-250, 1943.

LAZARUS, R. S.; Folkman, S. **Stress, appraisal and coping**. New York: Springer, 1984.

LEBOYER, Marion. **Autismo infantil: fatos e modelos**. 5ª ed. Campinas: Papirus, 2005.

LIPP, M.E.N. Inventário de sintomas do stress para adultos. São Paulo: Casa do psicólogo, 2000.

MELLO, Ana Maria. **Autismo: Guia prático**. 2ª ed. São Paulo: Corde, 2001.

MELLO, Ana Maria. **Autismo: Guia prático**. 4ª ed. São Paulo: Corde, 2004.

NILSSON, I. **Introdução a educação especial para pessoas com transtornos de espectro autístico e dificuldades semelhantes de aprendizagem**. Congresso Nacional sobre a Síndrome de Autismo 2004. Disponível em <<http://www.ama.org.br/download/Autismo-IntrodEducEspecial.pdf>> Acesso em: 23/10/ 2013

NUNES, Leila Regina D'Oliveira de Paula. **Linguagem e comunicação alternativa: uma introdução**. In: Favorecendo o desenvolvimento da comunicação em crianças e jovens com necessidades educacionais especiais. Rio de Janeiro, Dunya, 2004.

SCHMIDT, C. Dell'Aglio D, Bosa C. **Estratégias de coping de mães de portadores de autismo**: Lidando com dificuldades e com a emoção. Psicologia: Reflexão e Crítica, Porto Alegre, 2005.

SCHMIDT, C. **Estresse, auto-eficácia e o contexto de adaptação familiar de mães de portadores de autismo**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) &– Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

SCHWARTZMAN, José Salomão. **Autismo infantil**. São Paulo: Memnon, 2003.

TAMANHA, Ana Carina; Perissinoto, Jacy; Chiari, Brasília Maria. **Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do Autismo Infantil e da síndrome de Asperger**. Rev. soc. bras. fonoaudiol. V.13 n.3 São Paulo 2008. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/rsbf/v13n3/a15v13n3.pdf> Acesso em: 09/11/2013.

ANEXOS

ANEXO 01 - Panfleto

AUTISMO

Conhecendo a questão do Autismo

O autismo foi descrito pela primeira vez em 1943 pelo Dr. Leo Kanner (médico austríaco, residente em Baltimore, nos EUA) em seu histórico artigo escrito originalmente em inglês: Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo. Nesse artigo, disponível em português no site da AMA, Kanner descreve 11 casos, dos quais o primeiro, Donald T., chegou até ele em 1938. Em 1944, Hans Asperger, um médico também austríaco e formado na Universidade de Viena - a mesma em que estudou Leo Kanner -, escreve outro artigo com o título Psicopatologia Autística da Infância, descrevendo crianças bastante semelhantes às descritas por Kanner. Ao contrário do artigo de Kanner, o de Asperger levou muitos anos para ser amplamente lido.



A Constituição Federal estabelece que a família, a sociedade e o Estado tem o dever de garantir com prioridade à criança e ao adolescente diversos direitos fundamentais. Para crianças e adolescentes com deficiências, este dever tem que ser observado com ainda mais rigor, pois o pleno desenvolvimento dessas crianças e adolescentes depende de cuidados e estruturas especiais, que geralmente não estão presentes nas escolas, nas unidades de saúde, no sistema de assistência social etc. Assim, é fundamental que todos tenham consciência dos direitos que devem ser garantidos às crianças e aos adolescentes com deficiência, para que exijam seu cumprimento, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária, solidária e inclusiva!

ALGUMAS DICAS

✓ Escola Inclusiva - Escola Especial

Na escola inclusiva, a criança tem a possibilidade de ampliar seu círculo de relações, convivendo com outras crianças. O resultado desse convívio deve ser o respeito às diferenças. Mas, é fundamental que as necessidades especiais da criança com deficiência sejam observadas, garantindo igualdade de oportunidades entre todos os alunos.

✓ Atendimento especializado

Além da educação especial, a criança e adolescente com deficiência deve receber o atendimento educacional especializado. As atividades desenvolvidas são diferenciadas das realizadas na sala de aula comum, complementam a escolarização e buscam eliminar barreiras e atender as necessidades especiais da criança e do adolescente com deficiência. É um exemplo deste atendimento educacional especializado o ensino de linguagens e códigos de comunicação e sinalização nas escolas.

Onde procurar apoio?

Para que as crianças e adolescentes com deficiência desenvolvam plenamente suas capacidades exige-se uma série de cuidados especiais. Quando a criança vem de uma família de baixa renda, que não pode pagar por esses cuidados, o Governo tem o dever de garantir os direitos dessa criança. Mas, quem a família deve procurar no caso precise de ajuda?

- **Conselhos Tutelares:** Deve ser o primeiro local que a família deve ir para buscar apoio para a criança. Toda região possui um Conselho Tutelar - procure o mais próximo!

- **Entidades especializadas:** Há entidades sem fins lucrativos especializadas no tratamento de crianças com deficiência, como a APAE e a AACD. Informe-se!

- **Defensoria Pública:** Presta orientação jurídica, buscar soluções junto a órgãos públicos e entrar com ações judiciais que façam valer os direitos da criança e do adolescente com deficiência!



DIREITOS

Em que leis estão previstos os direitos da criança e do adolescente?

Na Constituição Federal (artigos 227 a 229) e no Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/90).

Há também tratados internacionais, como a Convenção sobre os Direitos da Criança.

E quanto às pessoas com algum transtorno?

Procure informações na Convenção da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência, que o Brasil assinou, e na legislação nacional, os Decretos 5.296/04 e 3.298/99 e a Lei 7.853/89.

A participação dos Pais e professores

A participação dos pais no processo de educação de seus filhos é sempre necessária.

No caso das crianças com deficiências, esse acompanhamento dos pais é ainda mais importante. Os pais devem estar atentos se a criança está recebendo a devida atenção do professor e dos funcionários da escola e se está conseguindo acompanhar, na medida de suas possibilidades, o ritmo de estudos da sala.

As escolas oferecem vários espaços para a participação dos pais, como conselhos de escola, associação de pais e mestres etc.

É dever do Estado manter escolas públicas com qualidade de ensino; da comunidade, contribuir na manutenção de um espaço comunitário educador; e da família, de manter as crianças e adolescentes estudando.

Os pais tem o dever de manter seus filhos matriculados e estudando na rede regular de ensino, sob pena de perda ou suspensão do poder familiar.

Portanto a educação básica é obrigatória!

Itens importantes para diminuir o estresse

- ✓ Frequentar lugares públicos com a criança;
- ✓ Trabalhar pela independência da criança;
- ✓ Estabelecer rotinas que facilitem a organização;
- ✓ Utilizar suportes visuais – Exemplo: PECS
- ✓ Participar de grupos de apoio
- ✓ Desempenhar suas funções com atenção plena, responsável e respeitosa.

ANEXO 02**ESCOLA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL FENIX****Autorização**

Eu, *Maria Augusta de Oliveira* diretora da Escola de Educação Especial Fenix, autorizo a participação de pais e professores interessados no Projeto de Intervenção, podendo estes utilizar a sala de reuniões da escola em datas pré-estabelecidas no período de agosto a novembro de 2013, sob responsabilidade da professora Claudia Rosana dos Santos.

CURITIBA, 01 de agosto de 2013.

Maria Augusta de Oliveira

ANEXO 03**ESCOLA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL FENIX****Informativo sobre o Projeto de Intervenção**

Eu, *Claudia Rosana dos Santos*, professora da Escola de Educação Especial Fenix, venho informar que estarei desenvolvendo um Projeto de Intervenção – **Ação educativa envolvendo pais e professores**: Controle do estresse frente aos cuidados de crianças e adolescentes com Autismo e Síndromes associadas que acontecerá no segundo semestre de 2013.

CURITIBA, 02 de agosto de 2013.

Claudia Rosana dos Santos

ANEXO 04**ESCOLA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL FENIX****Convocação aos pais**

Eu, *Claudia Rosana dos Santos*, professora da Escola de Educação Especial Fenix, convoco os Srs. Pais a participarem da primeira reunião do Projeto de Intervenção - ***Ação educativa envolvendo pais e professores:*** Controle do estresse frente aos cuidados de crianças e adolescentes com Autismo e Síndromes associadas, que acontecerá no dia 17 de agosto de 2013 às 09:30hrs na sala de reuniões da Escola de Educação Especial Fenix.

CURITIBA, 06 de agosto de 2013.

Claudia Rosana dos Santos

ANEXO 05**ESCOLA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL FENIX****QUESTIONÁRIO 1 (Pais)**

1- Qual é o seu nome?

2- Qual sua idade?

3- Tem filhos? Quantos?

4- Tem filho com algum Transtorno? Qual?

5- Acredita que os assuntos abordados nos encontros irão ajudar você de alguma maneira? Por quê?

6- Quais suas maiores dúvidas sobre o tema Autismo?

7- Quais métodos ou estratégias que utiliza para trabalhar com seu filho?

8- Quais os sentimentos gerados você elencaria em se tratando da busca constante de informações e experiências acerca do assunto?

9- O que você faz para melhorar a qualidade de vida do seu filho e de sua família?

10- Cite alguns itens que você gostaria que fosse debatido durante nossos encontros.

ANEXO 06**ESCOLA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL FENIX****QUESTIONÁRIO 1 (Professores)**

1. Qual é o seu nome?

2. Qual sua idade?

3. Tem filhos? Quantos?

4. A quanto tempo trabalha com Educação Especial?

5. Possui formação específica para trabalhar com Educação Especial?

6. Acredita que os assuntos abordados nos encontros irão ajudar você de alguma maneira? Por quê?

7. Quais suas maiores dúvidas sobre o tema Autismo?

8. Quais métodos ou estratégias você utiliza para trabalhar com crianças e adolescentes com Autismo?

9. Participa de capacitações, palestras, reuniões com os pais, encontros, cursos? Quais? Com que frequência?

10. O que você considera mais difícil ao se trabalhar com Autistas?

ANEXO 07**ESCOLA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL FENIX****QUESTIONÁRIO 3 (Pais e Professores)**

- 1- Após as discussões, relato de experiências, troca de materiais e todas as informações apresentadas. Você acha que a qualidade de vida, nível de estresse, angústias e medos poderão ser amenizados?

- 2- As suas ideias e opiniões sobre os assuntos trabalhados ainda são as mesmas depois de todas as conversas realizadas nos encontros?

- 3- Você acha que alguma terapia ou tratamento que seu filho/aluno faz tem relação direta com a qualidade de vida familiar/escolar? Por quê?

- 4- O que mudou no seu relacionamento com a criança após os encontros do projeto? Por quê?

- 5- Escreva o que você acha que este projeto irá deixar de bom para a sua vida?

- 6- Este projeto deveria continuar? Por quê?

- 7- O que poderia deixar este projeto melhor?
